

1. ENEM 2016

Poema tirado de uma notícia de jornal

João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro da Babilônia num barracão sem número.
Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro
Bebeu
Cantou
Dançou
Depois se atirou na lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.

BANDEIRA, M. *Estrela da vida inteira: poesias reunidas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

No poema de Manuel Bandeira, há uma ressignificação de elementos da função referencial da linguagem pela

- a. atribuição de título ao texto com base em uma notícia veiculada em jornal.
- b. utilização de frases curtas, características de textos do gênero jornalístico.
- c. indicação de nomes de lugares como garantia da veracidade da cena narrada.
- d. enumeração de ações, com foco nos eventos acontecidos à personagem do texto.
- e. apresentação de elementos próprios da notícia, tais como quem, onde, quando e o quê.

2. ENEM 2010

A biosfera, que reúne todos os ambientes onde se desenvolvem os seres vivos, se divide em unidades menores chamadas ecossistemas, que podem ser uma floresta, um deserto e até um lago. Um ecossistema tem múltiplos mecanismos que regulam o número de organismos dentro dele, controlando sua reprodução, crescimento e migrações.

DUARTE, M. *O guia dos curiosos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Predomina no texto a função da linguagem

- a. emotiva, porque o autor expressa seu sentimento em relação à ecologia.
- b. fática, porque o texto testa o funcionamento do canal de comunicação.
- c. poética, porque o texto chama a atenção para os recursos de linguagem,
- d. conativa, porque o texto procura orientar comportamentos do leitor.
- e. referencial, porque o texto trata de noções e informações conceituais.

3. ENEM 2009

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Canção do vento e da minha vida

O vento varria as folhas,
O vento varria os frutos,
O vento varria as flores...
E a minha vida ficava
Cada vez mais cheia

De frutos, de flores, de folhas.

[...]

O vento varria os sonhos
E varria as amizades...
O vento varria as mulheres...
E a minha vida ficava
Cada vez mais cheia
De afetos e de mulheres.

O vento varria os meses
E varria os teus sorrisos...
O vento varria tudo!
E a minha vida ficava
Cada vez mais cheia
De tudo.

BANDEIRA, M. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1967.

Predomina no texto a função da linguagem

- fática, porque o autor procura testar o canal de comunicação.
- metalinguística, porque há explicação do significado das expressões.
- conativa, uma vez que o leitor é provocado a participar de uma ação.
- referencial, já que são apresentadas informações sobre acontecimentos e fatos reais.
- poética, pois chama-se a atenção para a elaboração especial e artística da estrutura do texto.

4. ENEM 2012



LAERTE. Disponível em: <http://blog.educacional.com.br>. Acesso em: 8 set. 2011.

Que estratégia argumentativa leva o personagem do terceiro quadrinho a persuadir sua interlocutora?

- Prova concreta, ao expor o produto ao consumidor.
- Consenso, ao sugerir que todo vendedor tem técnica.
- Raciocínio lógico, ao relacionar uma fruta com um produto eletrônico.
- Comparação, ao enfatizar que os produtos apresentados anteriormente são inferiores.
- Indução, ao elaborar o discurso de acordo com os anseios do consumidor.

5. ITA 1999

Assinale a opção que apresenta a função da linguagem predominante nos fragmentos a seguir:

(I)

Maria Rosa quase que aceitava, de uma vez, para resolver a situação, tal o embaraço em que se achavam. Estiveram um momento calados.

- Gosta de versos?

- Gosto...

- Ah...

Pousou os olhos numa oleografia.

- É brinde de farmácia?

- É.

- Bonita...

- Acha?

- Acho... Boa reprodução...

(Orígenes Lessa. O FEIJÃO E O SONHO)

(II)

Sentavam-se no que é de graça: banco de praça pública.

E ali acomodados, nada os distinguia do resto do nada. Para a grande glória de Deus.

Ele: - Pois é.

Ela: - Pois é o quê?

Ele: - Eu só disse "pois é"!

Ela: - Mas "pois é" o quê?

Ele: - Melhor mudar de conversa porque você não me entende.

Ela: - Entender o quê?

Ele: - Santa Virgem, Macabéa, vamos mudar de assunto e já.

(Clarice Lispector. A HORA DA ESTRELA)

a. Poética.

b. Fática.

c. Referencial.

d. Emotiva.

e. Conativa.

6. PUC-SP 2001

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A QUESTÃO É COMEÇAR

Coçar e comer é só começar. Conversar e escrever também. Na fala, antes de iniciar, mesmo numa livre conversação, é necessário quebrar o gelo. Em nossa civilização apressada, o "bom dia", "o boa tarde, como vai?" já não funcionam para engatar conversa.

Qualquer assunto servindo, fala-se do tempo ou de futebol. No escrever também poderia ser assim, e deveria haver para a escrita algo como conversa vadia, com que se divaga até encontrar assunto para um discurso encadeado. Mas, à diferença da conversa falada, nos ensinaram a escrever e na lamentável forma mecânica que supunha texto prévio, mensagem já elaborada. Escrevia-se o que antes se pensara. Agora entendo o contrário: escrever para pensar; uma outra forma de conversar.

Assim fomos "alfabetizados", em obediência a certos rituais. Fomos induzidos a, desde o início, escrever bonito e certo. Era preciso ter um começo, um desenvolvimento e um fim predeterminados. Isso estragava, porque bitolava, o começo e todo o resto.

Tentaremos agora (quem? eu e você, leitor) conversando entender como necessitamos nos reeducar para fazer do escrever um ato inaugural; não apenas transcrição do que tínhamos em mente, do que já foi pensado ou dito, mas inauguração do próprio pensar.

"Pare aí", me diz você. "O escrevente escreve antes, o leitor lê depois." "Não", lhe respondo, "Não consigo escrever sem pensar em você por perto, espiando o que escrevo. Não me deixe falando sozinho."

Pois é; escrever é isso aí: iniciar uma conversa com interlocutores invisíveis, imprevisíveis, virtuais apenas, sequer imaginados de carne e ossos, mas sempre ativamente presentes. Depois é espichar conversas e novos interlocutores surgem, entram na roda, puxam assuntos. Termina-se sabe Deus onde.

(MARQUES, M. O. *Escrever é Preciso*, Ijuí, Ed. UNIJUÍ, 1997, p. 13).

Observe a seguinte afirmação feita pelo autor: "Em nossa civilização apressada, o 'bom dia', o 'boa tarde, como vai?' já não funcionam para engatar conversa. Qualquer assunto servindo, fala-se do tempo ou de futebol." Ela faz referência à função da linguagem cuja meta é "quebrar o gelo". Indique a alternativa que explicita essa função.

- a. Função emotiva
- b. Função referencial
- c. Função fática
- d. Função conativa
- e. Função poética

7. ENEM 2014

Há o hipotrélico. O termo é novo, de impensada origem e ainda sem definição que lhe apanhe em todas as pétalas o significado. Sabe-se, só, que vem do bom português. Para a prática, tome-se hipotrélico querendo dizer: antipodático, sengraçante imprizado; ou talvez, vicedito: indivíduo pedante, importuno agudo, falta de respeito para com a opinião alheia. Sob mais que, tratando-se de palavra inventada, e, como adiante se verá, embirrando o hipotrélico em não tolerar neologismos, começa ele por se negar nominalmente a própria existência.

ROSA, G. *Tutameia: terceiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001 (fragmento).

Nesse trecho de uma obra de Guimarães Rosa, depreende-se a predominância de uma das funções da linguagem, identificada como

- a. metalinguística, pois o trecho tem como propósito essencial usar a língua portuguesa para explicar a própria língua, por isso a utilização de vários sinônimos e definições.
- b. referencial, pois o trecho tem como principal objetivo discorrer sobre um fato que não diz respeito ao escritor ou ao leitor, por isso o predomínio da terceira pessoa.
- c. fática, pois o trecho apresenta clara tentativa de estabelecimento de conexão com o leitor, por isso o emprego dos termos "sabe-se lá" e "tome-se hipotrélico".
- d. poética, pois o trecho trata da criação de palavras novas, necessária para textos em prosa, por isso o emprego de "hipotrélico".
- e. expressiva, pois o trecho tem como meta mostrar a subjetividade do autor, por isso o uso do advérbio de dúvida "talvez".

8. UFAL 1999

Está INCORRETA a classificação da função da linguagem na frase:

- a. Comunicação é a transferência de informação por meio de mensagem=Função Metalinguística.
- b. Psiu! Atenção! Olhe aqui! aonde vai?=Função Fática.
- c. Não percas tempo em mentir. Não te aborreças=Função Apelativa.
- d. Nem todos os alunos são capazes de valorizar devidamente a escola onde estudam=Função Referencial.
- e. Os moradores da periferia dirigiam-se ao prefeito solicitando verbas para a canalização do rio=Função Emotiva.

9. UDESC 2014

- Ele: – Pois é.
Ela: – Pois é o quê?
Ele: – Eu só disse pois é!
Ela: – Mas “pois é” o quê?
Ele: – Melhor mudar de conversa porque você não me entende.
Ela: – Entender o quê?
Ele: – Santa Virgem, Macabéa, vamos mudar de assunto e já!
Ela: – Falar então de quê?
Ele: – Por exemplo, de você.
Ela: – Eu?!
Ele: – Por que esse espanto? Você não é gente? Gente fala de gente.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 48.

Há três conceitos clássicos de discursos, estudados pela gramática tradicional, que designam três modos de reproduzir ou citar um ato de enunciação. O texto acima é constituído por apenas um tipo de discurso. Analise as proposições em relação a ele e aos tipos de discursos.

- I. O discurso direto é a forma de citação do discurso em que o narrador indica o discurso do outro, e depois reproduz literalmente a fala dele.
- II. O discurso direto é uma operação que confere ao discurso a vivacidade e naturalidade típicas da oralidade, pelos recursos das interjeições, exclamações, interrogações diretas e dos vocativos, entre outros elementos.
- III. O discurso direto e o indireto são expedientes linguísticos para mostrar as diferentes vozes bem demarcadas no texto.
- IV. As frases que, no discurso direto, têm a forma interrogativa ou imperativa convertem-se no discurso indireto, em orações declarativas, conforme “Ele: – Por que esse espanto? Você não é gente? Gente fala de gente” (linha 11): *Ele perguntou por que o espanto, se ela não era gente, porque gente fala sobre gente*.
- V. Em uma mesma mensagem verbal pode-se reconhecer mais de uma função da linguagem, embora uma seja dominante. No diálogo entre Macabéa e Olímpio a função da linguagem predominante é a fática.

Assinale a alternativa **correta**.

- a. Somente as afirmativas III e V são verdadeiras.
- b. Somente as afirmativas I, III e IV são verdadeiras.
- c. Somente as afirmativas II e IV são verdadeiras.
- d. Somente as afirmativas I, II e V são verdadeiras.
- e. Todas as afirmativas são verdadeiras.

10. ENEM 2013

Lusofonia

rapariga: s.f., fem. de *rapaz*: mulher nova; moça; menina; (Brasil), meretriz.

Escrevo um poema sobre a rapariga que está sentada no café, em frente da chávena de café, enquanto alisa os cabelos com a mão. Mas não posso escrever este poema sobre essa rapariga porque, no Brasil, a palavra rapariga não quer dizer o que ela diz em Portugal. Então, terei de escrever a mulher nova do café, a jovem do café, a menina do café, para que a reputação da pobre rapariga que alisa os cabelos com a mão, num café de Lisboa, não fique estragada para sempre quando este poema atravessar o Atlântico

para desembarcar no rio de janeiro. E isto tudo sem pensar em África, porque aí lá terei de escrever sobre a moça do café, para evitar o tom demasiado continental da rapariga, que é uma palavra que já me está a pôr com dores de cabeça até porque, no fundo, a única coisa que eu queria era escrever um poema sobre a rapariga do café. A solução, então, é mudar de café, e limitar-me a escrever um poema sobre aquele café onde nenhuma rapariga se pode sentar à mesa porque só servem café ao balcão.

JÚDICE, N. Matéria do Poema. Lisboa: D. Quixote, 2008.

O texto traz em relevo as funções metalinguística e poética. Seu caráter metalinguístico justifica-se pela

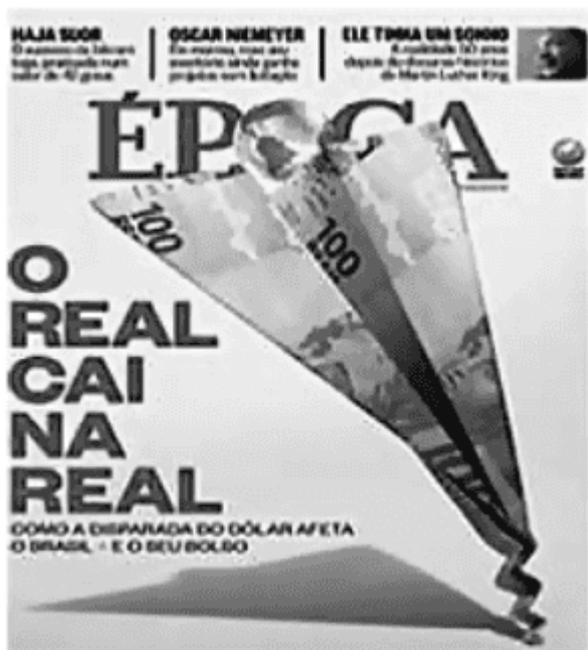
- a. discussão da dificuldade de se fazer arte inovadora no mundo contemporâneo.
- b. defesa do movimento artístico da pós-modernidade, típico do século XX.
- c. abordagem de temas do cotidiano, em que a arte se volta para assuntos rotineiros.
- d. tematização do fazer artístico, pela discussão do ato de construção da própria obra.
- e. valorização do efeito de estranhamento causado no público, o que faz a obra ser reconhecida.

11. UECE 2014

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Os textos 1 (manchete de capa da revista *Época* de 26/08/2013), 2 (manchete de capa da revista *Veja* de 28/08/2013) e 3 serão analisados em conjunto, na perspectiva da polifonia, do dialogismo e da intertextualidade, isto é, das relações mantidas entre eles.

Texto 1



Texto 2



71
72

O REAL CAI DAS NUVEIS

Agora, vai ser difícil recuperar o antigo poder de compra da nossa moeda diante do dólar
O GOVERNO REAGE, MAS OS BRASILEIROS PAGAM O PREÇO DA POLÍTICA ECONÔMICA MIOPÉ.

Texto 3

Cair das nuvens (expressão popular)

1. Espantar-se, surpreender-se (com algo que é muito diferente do que se pensava ou se desejava); perceber o próprio equívoco ou engano.
2. Restr. Decepcionar-se intensamente; desiludir-se.
3. Chegar de modo imprevisto; aparecer repentinamente; cair do céu.

Dicionário *Caldas Aulete*. <http://aulete.uol.com.br/nuvem#ixzz2ggk52qoh>

Assinale com **V** ou **F**, conforme seja verdadeiro ou falso o que é dito sobre o texto 3.

- () O aviãozinho de papel despencando do alto é um recurso para dar mais força de persuasão à manchete, cujos termos estão dispostos um abaixo do outro, o que sugere uma queda.
- () É correto afirmar que a capa da revista *Época* emprega um recurso da poesia concreta.
- () O processo de construção da manchete de capa da revista *Época* inclui substituição e acréscimo de elementos linguísticos, em relação ao texto fonte.
- () O criador da manchete de *Época* fez um jogo com dois sentidos do termo **real**, jogo que foi possível graças à mudança de gênero desse vocábulo.
- () Na manchete de *Época*, apresenta-se apenas uma das funções da linguagem: a função informativa.

Está correta, de cima para baixo, a seguinte sequência:

- a. F – F – V – V – F.
- b. V – V – V – V – F.
- c. V – F – F – F – V.
- d. F – F – F – V – V.

12. ENEM 2014

eu acho um fato interessante... né... foi como meu pai e minha mãe vieram se conhecer... né... que... minha mãe morava no Piauí com toda família... né... meu... meu avô... materno no caso... era maquinista... ele sofreu um acidente... infelizmente morreu... minha mãe tinha cinco anos... né... e o irmão mais velho dela... meu padrinho... tinha dezessete e ele foi obrigado a trabalhar... foi trabalhar no banco... e... ele foi... o banco... no caso... estava... com um número de funcionários cheio e ele teve que ir para outro local e pediu transferência prum local mais perto de Parnaíba que era a cidade onde eles moravam e por engano o... o... escrivão entendeu Paraíba... né... e meu... e minha família veio parar em Mossoró que era exatamente o local mais perto onde tinha vaga pra funcionário do Banco do Brasil e:: ela foi parar na rua do meu pai... né... e começaram a se conhecer... namoraram onze anos... né... pararam algum tempo... brigaram... é lógico... porque todo relacionamento tem uma briga... né... e eu achei esse fato muito interessante porque foi uma coincidência incrível... né... como vieram a se conhecer... namoraram e hoje... e até hoje estão juntos... dezessete anos de casados...

CUNHA, M. A. F. (Org.) . Corpus discurso & gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal. Natal: EdUFRN, 1998.

Na transcrição de fala, há um breve relato de experiência pessoal, no qual se observa a frequente repetição de “né”. Essa repetição é um(a)

- a. índice de baixa escolaridade do falante.
- b. estratégia típica de manutenção da interação oral.
- c. marca de conexão lógica entre conteúdos na fala.
- d. manifestação característica da fala regional nordestina.
- e. recurso enfatizador da informação mais relevante da narrativa.

13. ENEM 2016

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. E, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que o seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a essa leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo uma outra não prevista.

LAJOLO, M. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. São Paulo: Ática, 1993.

Nesse texto, a autora apresenta reflexões sobre o processo de produção de sentidos, valendo-se da metalinguagem. Essa função da linguagem torna-se evidente pelo fato de o texto

- a. ressaltar a importância da intertextualidade.
- b. propor leituras diferentes das previsíveis.
- c. apresentar o ponto de vista da autora.
- d. discorrer sobre o ato de leitura.
- e. focar a participação do leitor.

14. UERJ 2004

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

TEXTO I

OS QUE COMEÇAM...

Não há decerto exploração mais dolorosa que a das crianças. Os homens, as mulheres ainda pantomimam a miséria para lucro próprio. As crianças são lançadas no ofício torpe pelos pais, por criaturas indignas, e crescem com o vício adaptando a curvilínea e acovardada alma da mendicância malandra. Nada mais pavoroso do que este meio em que há adolescentes de dezoito anos e pirralhos de três, garotos amarelos de um lustro de idade e moçoilas púberes sujeitas a todas as passividades. Essa criança parece não pensar e nunca ter tido vergonha, amoldadas para o crime de amanhã, para a prostituição em grande escala. Há no Rio um número considerável de pobrezinhos sacrificados, petizes que andam a guiar senhoras falsamente cegas, punguistas sem

proteção, paralíticos, amputados, escrofulosos, gatunos de sacola, apanhadores de pontas de cigarros, crias de famílias necessitadas, simples vagabundos à espera de complacências escabrosas, um mundo vário, o olhar de crime, o broto das árvores que irão obumbrar as galerias da Detenção, todo um exército de desbriados e de bandidos, de prostitutas futuras, galopando pela cidade à cata do pão para os exploradores. Interrogados, mentem a princípio, negando; depois exageram as falcatruas e acabam a chorar, contando que são o sustento de uma súcia de criminosos que a polícia não persegue.

A metade desse bando conhece as leis do prefeito, os delegados de polícia e acompanha o movimento da política indígena, opositorista e vendo em cada homem importante uma roubalheira. São em geral os mendigos claramente defeituosos a que falta uma perna, um braço.

A perda que os tornou inválidos é uma espécie de felicidade, a indolência e o sustento garantidos.

À beira das calçadas o dia inteiro têm tempo de se tornarem homens e de ler os jornais. Fazem tudo isso com vagar. Quando um ponto se torna insustentável vão para outros, e há entre eles relações, morfeias que se ligam às úlceras, olhos em pus que olham com ternura companheiros sem braços, e todos guardando a data do desastre que os mutilou, que os fez entrar para a nova vida com a saudade da vida passada.

(RIO, João do. *A alma encantadora das ruas: crônicas*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1987.)

TEXTO II

CIDADE DE DEUS

Barracos de caixas de tomate, madeiras de lei, carnaúba, pinho-de-riça, caibros cobertos, em geral, por telhas de zinco ou folhas de compensados. Fogueiras servindo de fogão para fazer o mocotó, a feijoada, o cozido, o vatapá, mas, na maioria das vezes, para fazer aquele arroz de terceira grudado, angu duro ou muito ralo, aqueles carurus catados no mato, mal lavados, ou simplesmente nada. Apenas olhares carcomidos pela fome, em frente aos barracos, num desespero absoluto e que por ser absoluto é calado. Sem fogueira para esquentar ou iluminar como o sol, que se estendia por caminhos muitas vezes sem sentido algum para os que não soltavam pipas, não brincavam de pique-pegas e não se escondiam num pique-esconde.

Os abismos têm várias faces e encantam, atraem para o seu seio como as histórias em quadrinhos que chegavam ao morro compradas nas feiras da Maia Lacerda e do Rio Comprido, baratas como a tripa de porco que sobrava na casa do compadre maneiro que nem sempre era compadre de batismo. Era apenas o adjetivo, usado como substantivo, sinônimo de uma boa amizade, de um relacionamento que era tecido por favores, empréstimos impagáveis e consideração até na hora da morte.

São as pessoas nesse desespero absoluto que a polícia procura, espanca com seus cassetetes possíveis e sua razão impossível, fazendo com que elas, com seus olhares carcomidos pela fome, achem plausíveis os feitos e os passos de Pequeno e de sua quadrilha pelos becos que, por terem só uma entrada, se tornam becos sem saídas, e achem, também, corriqueira essa visão de meia cara na quina do último barraco de cada beco de crianças negras ou filhas de nordestinos, de peito sem proteção, pé no chão, shorts rasgados e olhar já cabreiro até para o próprio amigo, que, por sua vez, se tornava inimigo na disputa de um pedaço de sebo de boi achado no lixo e que aumentaria o volume da sopa, de um sanduíche quase perfeito nas imediações de uma lanchonete, de uma pipa voada, ou de um ganso dado numa partida de bola de gude.

Lá ia Pequeno, senhor de seu desejo, tratando bem a quem o tratava bem, tratando mal a quem o tratava mal e tratar mal era dar tiros de oitão na cabeça para estuporar os miolos.

Os exterminadores pararam na tendinha do Zé Gordo para tomar uma Antarctica bem gelada, porque esta era a cerveja de malandro beber. Pequeno aproveitou para perguntar pelos amigos que fizera no morro, pelas tias que faziam um mocotó saboroso nos sábados à tarde, pelos compositores da escola.

- Qualé, Zé Gordo, se eu te der um dinheiro, tua mulher faz um mocotó aí pra gente?

- Então, meu cumpádi!

Pequeno deu a quantia determinada pela esposa de Zé Gordo, em seguida retornaram à patrulha que faziam.

(LINS, Paulo. *Cidade de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.)

No segundo parágrafo do texto "Cidade de Deus", há um comentário sobre os sentidos e as possíveis classificações gramaticais da palavra compadre.

Nesse trecho, o narrador recorreu à função da linguagem denominada:

- a. poética
- b. conativa
- c. referencial
- d. metalinguística

15. ENEM 2009

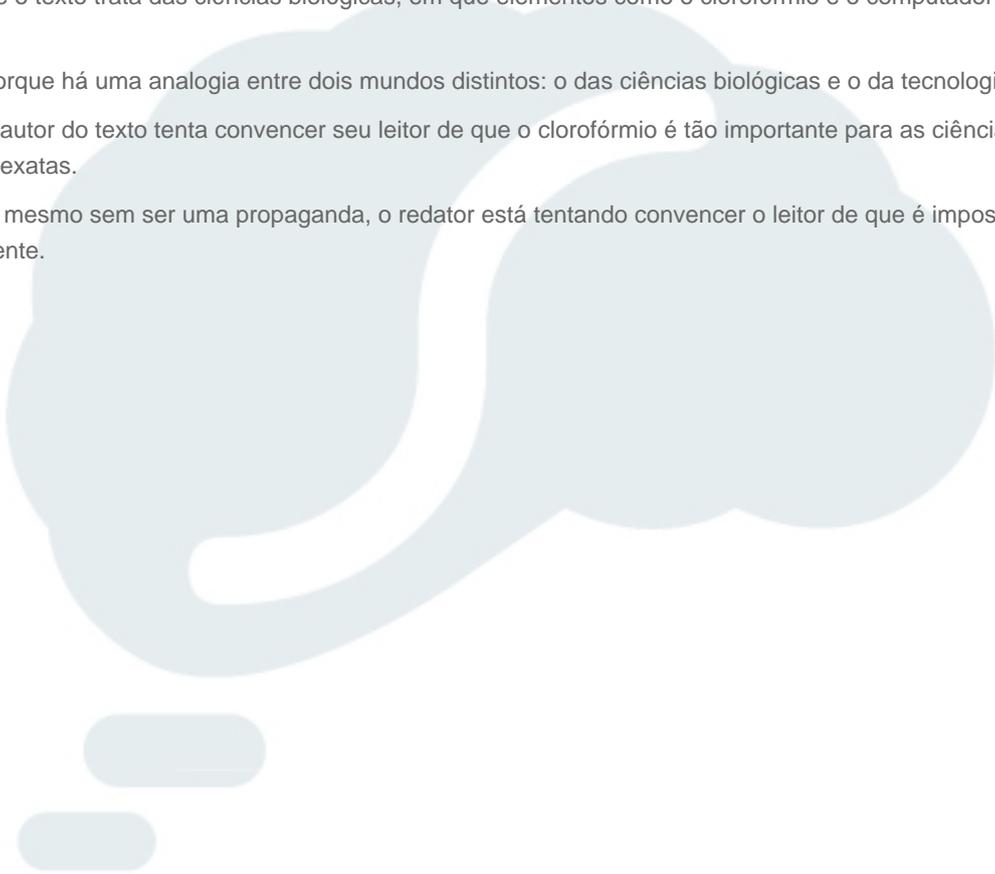
Em uma famosa discussão entre profissionais das ciências biológicas, em 1959, C. P. Snow lançou uma frase definitiva: “Não sei como era a vida antes do clorofórmio”. De modo parecido, hoje podemos dizer que não sabemos como era a vida antes do computador. Hoje não é mais possível visualizar um biólogo em atividade com apenas um microscópio diante de si; todos trabalham com o auxílio de computadores. Lembramo-nos, obviamente, como era a vida sem computador pessoal. Mas não sabemos como ela seria se ele não tivesse sido inventado.

PIZA, D. Como era a vida antes do computador? *OceanAir em Revista*, nº 1, 2007 (adaptado).

Neste texto, a função da linguagem predominante é

- a. emotiva, porque o texto é escrito em primeira pessoa do plural.
- b. referencial, porque o texto trata das ciências biológicas, em que elementos como o clorofórmio e o computador impulsionaram o fazer científico.
- c. metalinguística, porque há uma analogia entre dois mundos distintos: o das ciências biológicas e o da tecnologia.
- d. poética, porque o autor do texto tenta convencer seu leitor de que o clorofórmio é tão importante para as ciências médicas quanto o computador para as exatas.
- e. apelativa, porque, mesmo sem ser uma propaganda, o redator está tentando convencer o leitor de que é impossível trabalhar sem computador, atualmente.

16. ENEM 2013



Quadrinho quadrado



XAVIER, C. Disponível em: www.releituras.com. Acesso em: 24 abr. 2010.

Os objetivos que motivam os seres humanos a estabelecer comunicação determinam, em uma situação de interlocução, o predomínio de uma ou de outra função de linguagem. Nesse texto, predomina a função que se caracteriza por

- tentar persuadir o leitor acerca da necessidade de se tomarem certas medidas para a elaboração de um livro.
- ênfaticamente a percepção subjetiva do autor, que projeta para sua obra seus sonhos e histórias.
- apontar para o estabelecimento de interlocução de modo superficial e automático, entre o leitor e o livro.
- fazer um exercício de reflexão a respeito dos princípios que estruturam a forma e o conteúdo de um livro.
- retratar as etapas do processo de produção de um livro, as quais antecedem o contato entre leitor e obra.

17. ENEM 2017

Um conto de palavras que valessem mais por sua modulação que por seu significado. Um conto abstrato e concreto como uma composição tocada por um grupo instrumental; límpido e obscuro, espiral azul num campo de narcisos defronte a uma torre a descortinar um lago assombrado em que o atirar uma pedra espalha a água em lentos círculos sob os quais nada um peixe turvo que é visto por ninguém e no entanto existe como algas do oceano. Um conto-rastro de uma lesma também evento do universo qual a luz de um quasar a bilhões de anos-luz; um conto em que os vocábulos são como notas indeterminadas numa pauta; que é como bater suave e espaçado de um sino propagando-se nos corredores de um mosteiro [...]. Um conto noturno com a fulguração de um sonho que, quanto mais se quer, mais se perde; é preciso resistir à tentação das proparoxítonas e do sentido, a vida é uma peça pregada cujo maior mistério é o nada.

SANT'ANNA, S. Um conto abstrato. In: O voo da madrugada. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

Utilizando o recurso da metalinguagem, o narrador busca definir o gênero conto pelo procedimento estético que estabelece uma

- a. confluência de cores, destacando a importância do espaço.
- b. composição de sons, valorizando a construção musical do texto.
- c. percepção de sombras, endossando o caráter obscuro da escrita.
- d. cadeia de imagens, enfatizando a ideia de sobreposição de sentidos.
- e. hierarquia de palavras, fortalecendo o valor unívoco dos significados.

18. CESGRANRIO 1994

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Nova Poética

Vou lançar a teoria do poeta sórdido.

Poeta sórdido:

Aquele em cuja poesia há a marca suja da vida.

Vai um sujeito,

Sai um sujeito de casa com a roupa de brim branco muito bem engomada,

[e na primeira esquina passa um caminhão,

[salpica-lhe o paletó de uma nódoa de lama:

É a vida.

O poema deve ser como a nódoa no brim:

Fazer o leitor satisfeito de si dar o desespero. (...)

Manuel Bandeira

As funções da linguagem PREDOMINANTES na "Nova Poética" são:

- a. metalinguística - referencial.
- b. conativa - metalinguística.
- c. poética - conativa.
- d. emotiva - conativa.
- e. referencial - fática.

19. ENEM

Sentimental

1 Ponho-me a escrever teu nome

Com letras de macarrão.

No prato, a sopa esfria, cheia de escamas

4 e debruçados na mesa todos contemplam

esse romântico trabalho.

Desgraçadamente falta uma letra,

7 uma letra somente

para acabar teu nome!

— Está sonhando? Olhe que a sopa esfria!

10 Eu estava sonhando...

E há em todas as consciências este cartaz amarelo:

“Neste país é proibido sonhar.”

ANDRADE, C. D. *Seleção em Prosa e Verso*. Rio de Janeiro: Record, 1995.

Com base na leitura do poema, a respeito do uso e da predominância das funções da linguagem no texto de Drummond, pode-se afirmar que

- a. por meio dos versos “Ponho-me a escrever teu nome” (v. 1) e “esse romântico trabalho” (v. 5), o poeta faz referências ao seu próprio ofício: o gesto de escrever poemas líricos.
- b. a linguagem essencialmente poética que constitui os versos “No prato, a sopa esfria, cheia de escamas e debruçados na mesa todos contemplam” (v. 3 e 4) confere ao poema uma atmosfera irreal e impede o leitor de reconhecer no texto dados constitutivos de uma cena realista.
- c. na primeira estrofe, o poeta constrói uma linguagem centrada na amada, receptora da mensagem, mas, na segunda, ele deixa de se dirigir a ela e passa a exprimir o que sente.
- d. em “Eu estava sonhando...” (v. 10), o poeta demonstra que está mais preocupado em responder à pergunta feita anteriormente e, assim, dar continuidade ao diálogo com seus interlocutores do que em expressar algo sobre si mesmo.
- e. no verso “Neste país é proibido sonhar.” (v. 12), o poeta abandona a linguagem poética para fazer uso da função referencial, informando sobre o conteúdo do “cartaz amarelo” (v. 11) presente no local.

20. ENEM 2012

Desabafo

Desculpem-me, mas não dá pra fazer uma cronicazinha divertida hoje. Simplesmente não dá. Não tem como disfarçar: esta é uma típica manhã de segunda-feira. A começar pela luz acesa da sala que esqueci ontem à noite. Seis recados para serem respondidos na secretária eletrônica. Recados chatos. Contas para pagar que venceram ontem. Estou nervoso. Estou zangado.

CARNEIRO, J.E. *Veja*, 11 set. 2002 (fragmento)

Nos textos em geral, é comum a manifestação simultânea de várias funções da linguagem, com predomínio, entretanto, de uma sobre as outras. No fragmento da crônica *Desabafo*, a função de linguagem predominante é a emotiva ou expressiva, pois

- a. o discurso do enunciador tem como foco o próprio código.
- b. a atitude do enunciador se sobrepõe àquilo que está sendo dito.
- c. o interlocutor é o foco do enunciador na construção da mensagem.
- d. o referente é o elemento que se sobressai em detrimento dos demais.
- e. o enunciador tem como objetivo principal a manutenção da comunicação.

21. ENEM 2014

O exercício da crônica

Escrever prosa é uma arte ingrata. Eu digo prosa fiada, como faz um cronista; não a prosa de um ficcionista, na qual este é levado meio a tapas pelas personagens e situações que, azar dele, criou porque quis. Com um prosador do cotidiano, a coisa fia mais fino. Senta-se ele diante de sua máquina, olha através da janela e busca fundo em sua imaginação um fato qualquer, de preferência colhido no noticiário matutino, ou da véspera, em que, com as suas artimanhas peculiares, possa injetar um sangue novo. Se nada houver, resta-lhe o recurso de olhar em torno e esperar que, através de um processo associativo, surja-lhe de repente a crônica, provinda dos fatos e feitos de sua vida emocionalmente despertados pela concentração. Ou então, em última instância, recorrer ao

assunto da falta de assunto, já bastante gasto, mas do qual, no ato de escrever, pode surgir o inesperado.

MORAES, V. *Para viver um grande amor*. crônicas e poemas. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

Predomina nesse texto a função da linguagem que se constitui

- a. nas diferenças entre o cronista e o ficcionista.
- b. nos elementos que servem de inspiração ao cronista.
- c. nos assuntos que podem ser tratados em uma crônica.
- d. no papel da vida do cronista no processo de escrita da crônica.
- e. nas dificuldades de se escrever uma crônica por meio de uma crônica.

22. ENEM 2017

Aí pelas três da tarde

Nesta sala atulhada de mesas, máquinas e papéis, onde invejáveis escreventes dividiram entre si o bom senso do mundo, aplicando-se em ideias claras apesar do ruído e do mormaço, seguros ao se pronunciarem sobre problemas que afligem o homem moderno (espécie da qual você, milenarmente cansado, talvez se sinta um tanto excluído), largue tudo de repente sob os olhares a sua volta, componha uma cara de louco quieto e perigoso, faça os gestos mais calmos quanto os tais escribas mais severos, dê um largo “ciao” ao trabalho do dia, assim como quem se despede da vida, e surpreenda pouco mais tarde, com sua presença em hora tão insólita, os que estiveram em casa ocupados na limpeza dos armários, que você não sabia antes como era conduzida. Convém não responder aos olhares interrogativos, deixando crescer, por instantes, a intensa expectativa que se instala. Mas não exagere na medida e suba sem demora ao quarto, libertando aí os pés das meias e dos sapatos, tirando a roupa do corpo como e retirasse a importância das coisas, pondo-se enfim em vestes mínimas, quem sabe até em pelo, mas sem ferir o decoro (o seu decoro, está claro), e aceitando ao mesmo tempo, como boa verdade provisória, toda mudança de comportamento.

NASSAR, R. *Menina a caminho*. São Paulo: Cia. das Letras. 1997.

Em textos de diferentes gêneros, algumas estratégias argumentativas referem-se a recursos linguístico-discursivos mobilizados para envolver o leitor. No texto, caracteriza-se como estratégia de envolvimento a

- a. prescrição de comportamentos, como em: “[...] largue tudo de repente sob os olhares a sua volta [...]”.
- b. apresentação de contraposição, como em: “Mas não exagere na medida e suba sem demora ao quarto [...]”.
- c. explicitação do interlocutor, como em: “[...] (espécie da qual você, milenarmente cansado, talvez se sinta um tanto excluído) [...]”.
- d. descrição do espaço, como em: “Nesta sala atulhada de mesas, máquinas e papéis, onde invejáveis escreventes dividiram entre si o bom-senso do mundo [...]”.
- e. construção de comparações, como em: “[...] libertando aí os pés das meias e dos sapatos, tirando a roupa do corpo como se retirasse a importância das coisas [...]”.

23. ENEM 2017

TEXTO I

Fundamentam-se as regras da Gramática Normativa nas obras dos grandes escritores, em cuja linguagem as classes ilustradas põem o seu ideal de perfeição porque nela é que se espelha o que o uso idiomático estabilizou e consagrou.

LIMA, C. H. R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio. 1989.

TEXTO II

Gosto de dizer. Direi melhor: gosto de palavrando. As palavras são para mim corpos tocáveis, sereias visíveis, sensualidades incorporadas. Talvez porque a sensualidade real não tem para mim interesse de nenhuma espécie – nem sequer mental ou de sonho –, transmutou-se-me o desejo para aquilo que em mim cria ritmos verbais, ou os escuta de outros. Estremeço se dizem bem. Tal página de Fialho, tal página de Chateaubriand, fazem formigar toda a minha vida em todas as veias, fazem-me raivar tremulamente quieto de um prazer inatingível que estou tendo. Tal página, até, de Vieira, na sua fria perfeição de engenharia sintáctica, me faz tremer como um ramo ao vento, num delírio passivo de coisa movida.

PESSOA, F. *O livro do desassossego*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

A linguagem cumpre diferentes funções no processo de comunicação. A função que predomina nos textos I e II

- a. destaca o “como” se elabora a mensagem, considerando-se a seleção, combinação a sonoridade do texto.
- b. coloca o foco no “com o que” se constrói a mensagem, sendo o código utilizado o seu próprio objeto.
- c. focaliza o “quem” produz a mensagem, mostrando seu posicionamento e suas impressões pessoais.
- d. orienta-se no “para quem” se dirige a mensagem, estimulando a mudança de seu comportamento.
- e. enfatiza sobre “o quê” versa a mensagem, apresentada com palavras precisas e objetivas.

24. UDESC 2014

Ele: – Pois é.

Ela: – Pois é o quê?

Ele: – Eu só disse pois é!

Ela: – Mas “pois é” o quê?

Ele: – Melhor mudar de conversa porque você não me entende.

Ela: – Entender o quê?

Ele: – Santa Virgem, Macabéa, vamos mudar de assunto e já!

Ela: – Falar então de quê?

Ele: – Por exemplo, de você.

Ela: – Eu?!

Ele: – Por que esse espanto? Você não é gente? Gente fala de gente.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 48.

Há três conceitos clássicos de discursos, estudados pela gramática tradicional, que designam três modos de reproduzir ou citar um ato de enunciação. O texto acima é constituído por apenas um tipo de discurso. Analise as proposições em relação a ele e aos tipos de discursos.

- I. O discurso direto é a forma de citação do discurso em que o narrador indica o discurso do outro, e depois reproduz literalmente a fala dele.
- II. O discurso direto é uma operação que confere ao discurso a vivacidade e naturalidade típicas da oralidade, pelos recursos das interjeições, exclamações, interrogações diretas e dos vocativos, entre outros elementos.
- III. O discurso direto e o indireto são expedientes linguísticos para mostrar as diferentes vozes bem demarcadas no texto.
- IV. As frases que, no discurso direto, têm a forma interrogativa ou imperativa convertem-se no discurso indireto, em orações declarativas, conforme “Ele: – Por que esse espanto? Você não é gente? Gente fala de gente” (linha 11): *Ele perguntou por que o espanto, se ela não era gente, porque gente fala sobre gente*.
- V. Em uma mesma mensagem verbal pode-se reconhecer mais de uma função da linguagem, embora uma seja dominante. No diálogo entre Macabéa e Olímpio a função da linguagem predominante é a fática.

Assinale a alternativa **correta**.

- a. Somente as afirmativas III e V são verdadeiras.
- b. Somente as afirmativas I, III e IV são verdadeiras.

- c. Somente as afirmativas II e IV são verdadeiras.
- d. Somente as afirmativas I, II e V são verdadeiras.
- e. Todas as afirmativas são verdadeiras.

25. ENEM 2007

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O CANTO DO GUERREIRO

Aqui na floresta
Dos ventos batida,
Façanhas de bravos
Não geram escravos,
Que estimem a vida
Sem guerra e lidar.
- Ouvi-me, Guerreiros,
- Ouvi meu cantar.

Valente na guerra,
Quem há, como eu sou?
Quem vibra o tacape
Com mais valentia?
Quem golpes daria
Fatais, como eu dou?
- Guerreiros, ouvi-me;
- Quem há, como eu sou?

Gonçalves Dias.

MACUNAÍMA

(Epílogo)

Acabou-se a história e morreu a vitória.

Não havia mais ninguém lá. Dera tangolomângolo na tribo Tapanhumas e os filhos dela se acabaram de um em um. Não havia mais ninguém lá. Aqueles lugares, aqueles campos, furos puxadouros arrastadouros meios-barrancos, aqueles matos misteriosos, tudo era solidão do deserto... Um silêncio imenso dormia à beira do rio Uraricoera. Nenhum conhecido sobre a terra não sabia nem falar da tribo nem contar aqueles casos tão pançudos. Quem podia saber do Herói?

Mário de Andrade.

Considerando-se a linguagem desses dois textos, verifica-se que

- a. a função da linguagem centrada no receptor está ausente tanto no primeiro quanto no segundo texto.
- b. a linguagem utilizada no primeiro texto é coloquial, enquanto, no segundo, predomina a linguagem formal.
- c. há, em cada um dos textos, a utilização de pelo menos uma palavra de origem indígena.
- d. a função da linguagem, no primeiro texto, centra-se na forma de organização da linguagem e, no segundo, no relato de informações reais.
- e. a função da linguagem centrada na primeira pessoa, predominante no segundo texto, está ausente no primeiro.

GABARITO: 1) e, 2) e, 3) e, 4) e, 5) b, 6) c, 7) a, 8) e, 9) e, 10) d, 11) b, 12) b, 13) d, 14) d, 15) b, 16) d, 17) d, 18) a, 19) a, 20) b, 21) e, 22) c, 23) b, 24) e, 25) c,